

Entrevista n.º 4, realizada em 05/10/2005

Flávio: Estou aqui com mais uma pessoa que será entrevistada para o levantamento do histórico do trabalho realizado com Filosofia em Barueri, e ela irá nos ajudar dando alguns depoimentos e fazendo alguns esclarecimentos sobre a sua história e a sua vivência dentro desse departamento. Em qual período você fez parte dos trabalhos da prefeitura?

Entrevistado 4: A minha história em Barueri, começa da seguinte forma. Foi feito o primeiro concurso um ano após o início da municipalização, quando eles resolveram municipalizar, logo depois eles abriram um concurso.

F.: Você Lembra qual era o ano?

E4.: Foi em 1996.

F.: Houve o primeiro concurso em 96 e em 97 você ingressou?

E4.: Não. Em 96 foi o primeiro ano de implementação da prefeitura de Barueri. No ano de 96 foi feito o primeiro concurso para no ano seguinte, em 97, através do concurso, colocar os professores dentro da lei. Tem que ser concursado, tem que ter edital, então eles abriram vagas para preenchimento, para ingresso no ano seguinte. No final do ano teve um concurso para Filosofia, porque nós tínhamos duas escolhas, pois naquele momento a FIEB pertencia direta e indiretamente à prefeitura; era um trabalho direcionado, concomitante com a prefeitura. E foi por meio da inscrição para o concurso que a gente escolhia entre a FIEB ou a municipalização. Lógico que eu fiz a inscrição para a municipalização. Entrei no concurso do ano e concursada fui a primeira professora na rede de Barueri a entrar na cadeira de Filosofia.

Só que quando eles fizeram a chamada do concurso, eles não especificaram para que era, só informaram que era da Filosofia. Aí eu me inscrevi por que pensei que seria no Ensino Médio. Só quando eu fui assumir o cargo que foi dito que seria de 1ª a 4ª séries de Ensino Fundamental. Foi um grande susto. Você está preparada para Ensino Médio, tem certa experiência em Ensino Médio e você se vê de frente com Filosofia de 1ª a 4ª série!... Aí tentei pegar algumas informações na prefeitura, ninguém sabia de nada porque era o primeiro ano oficial da municipalização, que no início foi, naquela época não tinha nem nome as escolas, era o Parque Viana e o Bela Vista, que era a escola central. Então uma escola do centro, a do Parque Viana, na periferia, mais algumas escolas – Jardim Paulista I e II – que serviam como se fosse um pólo de início da municipalização para verem o que era necessário ou não. Essas escolas passaram a ter todos os professores de todas as disciplinas concursados. Daí que começou esse trabalho para ver em que se poderia enriquecer, o que poderia tirar, complementar, etc.

Retomando. Daí você se depara na primeira semana de aula e se questiona o que vai trabalhar de Filosofia de 1ª a 4ª. No meu conhecimento não havia nada que se referia a isso. Conversando com um professor ele falou sobre uma reportagem da revista *Nova Escola* sobre o assunto e que poderia servir para alguma coisa. Eu encontrei na revista uma reportagem falando sobre o programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman, que estava sendo empregado em alguns lugares do Brasil e eu vi o endereço, que era na Nove de Julho. Como eu estaria assumindo aula na outra semana eu tinha mais do que depressa que buscar socorro. Fui até lá e encontrei com a Silvia na época, acho que ainda está lá, e ela me deu todas as orientações. Foi onde eu tive contato com Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Daí eu voltei para a escola na semana seguinte e falei com a diretora sobre a proposta. Então ela disse: “Que bom! Vamos ligar para o Celso” – Celso Furlan era o secretário na época e

Rubens Furlan era o prefeito. Imediatamente a diretora ligou e em questão de meia hora ele estava na escola. Fomos apresentados e começamos a trocar idéias, explicar o projeto. Antes, ele se apresentou e me disse o que ele pretendia na rede. Ele tinha a intenção de trabalhar a antiga Educação Moral e Cívica. A intenção dele em implementar a Filosofia era resgatar OSPB, cidadania, fazer os meninos jurarem bandeira, saber as legislações, essas coisas que eram de praxe bem antiga. Ele mesmo colocou: “Eu sinto muita falta no jovem hoje porque ninguém tem ligação com a nação, com o país”. Então a intenção que se tinha em implementar a Filosofia era exatamente para se trabalhar OSPB e Educação Moral. Mas a questão que ele deixou bem clara era uma educação moral de hinos e tal... Trabalhar o amor pela pátria, colocar acima de tudo o seu município – que é uma característica de Barueri – você vê que o povo enaltece Barueri em tudo e a própria proposta educacional se volta para isso.

F.: Você disse que ele via na Filosofia uma idéia de patriotismo. Onde ele viu isso?

E4.: Ele não mencionou. Ele disse apenas que a proposta que queriam em Filosofia era trabalhar as questões de civismo, Educação Moral e Cívica, OSPB, que nós tínhamos e que não tem mais. Ele falou que há uma necessidade da Educação de resgatar esse patriotismo, que ele achava fundamental na formação. Ou seja, Filosofia na cabeça dele, enquanto representante da educação, era trabalhar Educação Moral e Cívica. Era essa a intenção dele.

Aí eu sugeri que havia uma nova proposta, que também tinham questões éticas, e apresentei o que a Isabel e a Silvia, na época, haviam me dito. Aí ele me disse que já tinha ouvido esse tipo de trabalho, mas não lembrava de onde. Durante a conversa ele lembrou que no ITB, na FIEB, era tudo uma interligação...

F.: Só me faz um favor. O que essas siglas significam?

E4.: ITB é Instituto Tecnológico de Barueri e FIEB é Fundação... Não me lembro.

F.: Mas seria uma fundação do município?

E4.: Sim, num primeiro momento. Ela era mantida antes da municipalização. Tanto que o ITB era, num tempo, bancado pela prefeitura. Com a LDB precisou fazer uma reestruturação e passar o ITB para particular, porque o município não poderia assumir uma escola de Ensino Médio sendo que não era responsabilidade legal dele na época, se ele não tivesse atendido as séries de responsabilidade na municipalização que era de 1ª a 4ª série. Por isso que tem essa história de que antes era gratuito e agora está pago o ITB. Ele está pago porque se teve que passar para frente a sua administração porque a prefeitura não poderia pela lei assumir isso, pois não tinha municipalizado ainda todas as escolas de Barueri.

Nessa época ele lembrou que na FIEB tinha alguma coisa parecida. Ele me pediu o nome da Isabel e da Silvia, agradeceu e ficou de tentar fechar um curso para os professores e que pegaria mais detalhes na FIEB.

Nós passamos o primeiro semestre inteirinho nos adaptando a trabalhar as questões que ele queria até tomar um direcionamento.

F.: Isso você está falando de 97?

E4.: Eu estou lá!

Trabalhando conforme ele queria no primeiro semestre. Fizemos o trabalho, eu e mais duas ou três pessoas, que na realidade eram professores concursados de Inglês e Educação

Artística. Como só eu tinha entrado em Filosofia, pegaram a professora de Inglês e Ed. Artística e distribuíram nas outras escolas para trabalhar Filosofia, pois não tinha quem cobrisse ali de 1ª a 4ª série.

Na segunda metade do ano ele sentiu realmente que era uma necessidade, então ele resolveu fechar um curso com o CBFC lá na prefeitura de Barueri e fizemos o curso durante o mês de julho, que é o nosso recesso. Então fizemos o curso básico de 40h que a prefeitura ofereceu para todos os professores, de graça. O curso custava em torno de R\$ 380,00 a R\$ 400,00. Ele ofereceu para todos os professores, eu mais umas três ou quatro professoras de Filosofia que não estavam na área de Filosofia, mas... Todos os PEB II, na época, foram fazer o bendito do curso de Filosofia para Crianças.

Com essa implementação veio o material, e eu comecei a trabalhar no atual Bruno Tolaíne, na época era o Parque Viana e o outro professor, o Celso, foi para a Boa Vista, e os outros professores foram seguindo conforme a orientação da formação, e fomos trabalhando. A gente ia se encontrando periodicamente para ver o que estava acontecendo dentro da rede. Foi a partir daí que nós começamos a implementar a idéia de Filosofia para Crianças.

Alguns professores resolveram adotar piamente o programa. Outros resolveram fazer uma adaptação da idéia do Lipman. Nós entramos num consenso na época de que nós tínhamos que favorecer condições de que as crianças utilizassem todas as possibilidades de pensar, de argumentar, a gente queria exercitar essa visão de mundo dela. A gente queria que elas fossem mais detentoras do mundo em que a gente estava vivendo, que elas pudessem captar, e não só captar, entender, tentar buscar possíveis soluções para que as coisas fossem da forma que são, propor caminhos para poder solucionar... isso enquadrando não só o problema social, mas era o vizinho que agride o outro sem razão, o colega que anda marginalizado e ameaça dentro da escola, alguns fatos assim. Então a coisa ia muito mais além do que, na nossa proposta, pensar como deveria ser as coisas. A gente tentava trazer mais para uma reflexão a partir da própria realidade deles.

Passou-se o tempo e a minha turma em especial, e eu fiquei de 1997 a 2002, saí no meio de 2002. Durante esse período todo, a gente foi se encontrando, foi crescendo, a rede foi crescendo, o prefeito municipalizou tudo...

F.: Desculpe! Você está em?

E4.: já falei do mesmo processo de 97 a 2000, seguindo a mesma linha: nada definido, nada fechado, tudo combinado. A gente combinava, fazia proposta semestral juntos e mandava ver. Um ligava para o outro, tinha muito disso que era muito legal, um tentava pedir informação, pedia material, era muito legal isso.

F.: Já que você está indo para 2000. Você me disse que o secretário queria uma educação moral, o que não aconteceu, pois de certa forma não foi esse o direcionamento que vocês deram. Qual foi a reação dele perante isso?

E4.: Ele não teve reação nenhuma porque, reação negativa, porque ele via através do nosso trabalho os alunos cantando o hino perfeitamente, ele via eles em fila se comportando maravilhosamente bemcriando eventos, shows, fazendo apresentações, sendo apresentadores de eventos, porque nós trabalhávamos essas habilidades com eles, qual a importância, um monte de coisas que a gente trabalhava nesse campo de Filosofia... e a questão em si de debater e conversar. Ele não se incomodava, ele nunca se preocupou com o que a gente estava fazendo na sala de aula. Eu não sei se é porque ele confiava demais na gente, sabia que a gente estava fazendo um bom trabalho ou se estava tentando fazer o melhor possível; ou se para ele ter Filosofia era ponto de honra, era o primeiro município que oferece Filosofia para

Crianças, foi o pioneiro, então para ele eu acho que isso bastava. Não tinha uma preocupação de ver que caminho estava seguindo, se estava direcionado ou não. Senão ele teria deixado escapar alguma coisa.

Logo em seguida, quando houve a mudança do governo, que saiu o Furlan e foi para deputado federal e assumiu o Gil, aí começou o caos em Barueri. Mais ou menos nesse período, 2000, quando ele assumiu.¹

(...)

Esse período aqui para mim foi o caos, em Barueri, tanto que eu não agüentei, pedi as contas em 2002. Eu estava caindo fora porque tudo que tinha sido, olha como a gente sente: você viu Barueri crescer, teve todo um trabalho desenvolvido ali com a gente, o pessoal chegando, isso em todos os sentidos, principalmente no campo de Filosofia. Aí chegou num ponto que, a partir do Gil, tudo tinha que ser conforme eles estabeleciam. Aí foi criado um núcleo, até começaram a construir, que era um núcleo de professores, cada um em uma sala, cada um em um departamento. O Gil resolveu pegar um professor da rede e colocar ele como chefe. De repente, então, os trabalhos das equipes... nós não tínhamos chefes, nossas reuniões pareciam mais um reencontro de formandos do que uma reunião, de tão gostoso que era... a partir desse mandato a coisa fechou. Ele pegou um professor de cada representação e colocou como se fosse o representante de todos os professores. Então tirava ele da sala de aula, ele ficava naquele departamento sem ficar sabendo de nada do que estava acontecendo, o coitado do professor, do que está ocorrendo na rede. Daí, em cima daquilo que eles passavam que a gente não sabia qual era a intenção, ele bolava lá umas idéias, reunia todos os professores de Filosofia e só dava ele dando aula e os outros ouvindo calados, anotando e tendo que reproduzir aquilo que ele estava passando. Não o professor em si, quero deixar bem claro que não era o professor que fazia isso, o professor até que era maravilhoso, mas a gente estava dentro de um sistema onde se tinha que seguir o que era mandado. Então a gente não podia mais criar, tínhamos que seguir o que eles estavam determinando.

F.: Em 2002 essas reuniões eram freqüentes, com esse formador, ou esporádicas?

E4.: Esporádicas! A gente nem se encontrava. A gente se chegava a se comunicar escondidos para trocar idéias sobre o que estávamos fazendo, parta poder trabalhar com as crianças realmente, porque não se trabalhava nada para as crianças. Nós, da equipe de Filosofia, dávamos tudo, sabe? A gente tinha idéias, a gente botava no papel, a gente pegava esquema. A minha monografia foi em cima de cadernos. Para você ter uma idéia, com os meus alunos a gente trabalhava o Lipman e tinha um caderno do professor em que cada aula um ficava responsável por aquele caderno. Então na minha aula na primeira série eu entregava o meu caderno para que um aluno registrasse tudo o que estava acontecendo ali. Então essas informações aqui que você vai encontrar de perguntas, de questões seguindo os padrões de Lipman, foram tudo eles que fizeram²... Inclusive as anotações que eu peguei foram das próprias crianças que eu peguei. Nós procurávamos fazer esse topo de coisa. Fazer a criança realmente participar. Não era só dizer para elas que ao tocar o Hino Nacional tem que ficar de pé, quando passar o prefeito tem que dizer que ele é lindo. A gente não liga para isso. Vamos trabalhar a questão do amor: aquilo não pode fazer nem sentido. Nós trabalhávamos de acordo

¹ Nesse momento o entrevistado se perde quanto às datas de eleições, mudanças de governo e mudanças de secretários. Isso será esclarecido com fontes documentais. Quando o Gil assume o primeiro mandato em 2007, ele continua com Celso Furlan como secretário de educação. Apenas no segundo mandato, que começa em 2001, ele o substitui por Cilene Bittencourt. Sendo assim, o entrevistado atribui à mudança de prefeito questões que estão ligadas à mudanças na Secretaria.

² Aqui está se referindo a uma monografia de especialização do entrevistado.

com o que a criança trazia para nós naquele momento. Mas não era uma coisa fechada, por exemplo, eu fecho hoje o que eu vou trabalhar até o final do ano.

Com Filosofia, nós não trabalhávamos dessa forma. Eu vou trabalhar esse tema, esse, esse... as nossas aulas eram construídas conforme o que saía da sala. Isso que era diferente. Para eles não, tinha que ser tudo organizado, tinha que ter começo, meio e fim, os temas têm que estar prontos e tinha que ganhar tempo em sala de aula. Para eles perdia-se muito tempo conversando e a coisa que a gente mais fazia era conversar. Dentro dessa questão, se perdeu muito nesse paralelo.

(interrupção)

Então, retomando, a gente tinha que seguir aquilo que eles colocaram no planejamento pronto e que era totalmente contra aquilo que a gente estava desenvolvendo com os alunos. Eu realmente não consigo ser conivente em trabalhar uma coisa que eu não acredito. Antes você fazia um trabalho onde a criança escolhia um tema, o pai desempregado, nós íamos conversar sobre o problema do desemprego no Brasil, e aí em cima disso nós iríamos trabalhar. Era nessa Filosofia que a gente acreditava: no refletir, questionar com a criança, fazer com que isso não fosse um fantasma para ela, para ela perceber que não é só ela que está sozinha no mundo, que ela não é vítima, que tem outras pessoas que também é... entendeu? ... Sofrem da mesma coisa e que talvez pensando juntos achem alguma coisa. A gente tentava cultivar isso no olhar da criança. E não dava para você chegar lá, a criança estava com algum problema em casa, querendo expor seu sentimento, todo mundo querendo ouvir e você tem que parar para falar da importância do desenvolvimento do sentimento que ela tá. Não tem sentido. Eu não acredito nesse tipo de trabalho. Eu acredito no trabalho colegiado, feito em grupo, construído de vagar, com várias idéias.

Nesse momento, a gente não conseguia mais trabalhar. Tudo que a gente criava tinha que ter um porque, tinha que ter uma proposta política. Por que proposta política? Tinha que se destacar para alguém. Se o nosso trabalho, a nossa proposta, não tivesse destaque para a prefeitura, não prestava.

Aí eles colocaram esse professor justamente para poder estar controlando o que esse professores estavam trabalhando na sala de aula para poder ver o que eles podiam estar minando para fazer. Eu me sentia como se estivesse trabalhando e sendo espionada o tempo todo.

F.: Mas e os professores, do ponto de vista de resistência, como o grupo se portava perante isso?

E4.: Alguns eram muito tranquilos, creio que por causa do emprego, da estabilidade que eles tinham em Barueri. Eu fiz a maior loucura. Eu soltei o maior salário da minha vida. Mas outros, por causa do salário, faziam de conta que não viam, de conta que estava tudo bem, faziam o que queriam e tal. E foi aí que surgiu, depois que eu saí, mas eu sempre acompanhei por um amigo, o (entrevistado 2) foi quando eu soube que eles conseguiram ter o controle total: fizeram apostilados de Filosofia. Então aquela proposta inicial de questionar e debater que nós queríamos trazer para a escola se perdeu por que nós tínhamos que dar conta daquelas aulas prontas. Indo contra tudo que a gente defendia. Eu até comentei com o (nome) que foi bom que eu não estava lá, por que como eu sou sangue quente, era capaz de eu pegar essa apostila e jogar na cabeça do senhor prefeito.

A proposta inicial de Filosofia era muito boa quando o Celso estava. A partir do momento que mudou a prefeitura... para você ter uma idéia o pessoal do Gil, pra não tirar o Celso Furlan, pois o Gil foi eleito porque o Rubens deu apoio, pois se o Rubens tivesse me apoiado eu tinha sido eleita. Se ele dissesse para votar em mim eu estava lá! Então para ele não perder a ligação porque é irmão, o que que o Gil fez, ele pegou e colocou o Celso no

Departamento de Cultura e Esporte que é lá longe, onde ele pouco falava, pouco dava opinião³. A única coisa que ele podia estar decidindo era autorizar quadra de esportes, e coisas do gênero.

Eu não venho aqui defender ou condenar ninguém, eu só estou passando a linha que eu vivenciei. Eu vi realmente uma grande possibilidade de no começo da prefeitura, se tivesse continuado, de ter ido para um outro patamar. Poderia até cair no mesmo que caiu, mas acredito que poderia ter se dado outra trajetória. A minha colocação até o momento que eu estive ali era que uma coisa coletiva, criada pelos professores, de comum acordo, passou a ter uma representação política. Não é só Filosofia não, são todas as áreas. Isso para ter o controle do que estava acontecendo, e isso virou massificação. Ou seja, uma idéia que poderia ser um diferencial passou a ser uma coisa a mais, um elemento a mais, mas seguindo o mesmo sistema, porque não estão mudando. Vai dizer que o sistema educacional de Barueri é exemplo? Eu não acredito que seja exemplo. Mas voltando à questão da Filosofia, acho que perdeu muita coisa. A proposta que era de desenvolver habilidades, comparar, interagir, vivenciar, experimentar, analisar, era essa intenção simples, pegar essas crianças de uma realidade fora de um padrão e as que estão no mesmo padrão, pois estão no mesmo patamar, criança é criança, e despertar esse desenvolvimento, essa percepção do mundo de uma forma mais crítica. Eu acho que esse movimento foi cortado quando resolveram colocar o representante ali e fazer com que os professores seguissem padrões padronizados. Antes estava muito bom, depois a gente perdeu bastante.

F.: A sua experiência vai até...

E4.: 2002.

F.: ... quando então você não agüentou toda essa pressão. Só para fazer então uma recapitulação. Segundo a sua fala o Celso Furlan tinha uma intenção *a priori* de uma educação moral tendo em vista o patriotismo. Ele deixou livre a Filosofia para trabalhar e ele não controlava, mas ao mesmo tempo ele via o resultado desse patriotismo por outro lado. Então vendo o resultado que ele queria a princípio, ele deixava livre o resto...

E4.: Para ele estando tudo certo, não havendo nenhum problema, está tudo bem, todo mundo está gostando, os alunos estão gostando, a comunidade está gostando, então deixa caminhar. É bem Isso.

F.: Como você vê essa liberdade de ensino?

E4.: eu vejo como um mecanismo que ele havia se utilizado para ver o que a gente poderia estar fazendo. É um tipo de controle diferenciado o dele. Eu não digo que ele é bonzinho, aí que lindo, a gente faz o que quiser. Com o Celso a gente podia fazer o que quiser, mas quando ele ligava e dizia que estava indo para a escola, era professor, era um monte de gente entrando, vendo se estava tudo em ordem, entendeu? Ele era uma pessoa que chegava na sala, pedia licença e “como está a professora de vocês, tudo em ordem? Algum problema com a professora?”. Ele era assim. Eu achava isso uma coisa admirável. Ele vinha e pedia para assistir a aula. A criança morria de rir com ele. Ele entrava, assistia a sua aula, elogiava, se despedia... Ficava lá. Ele tinha uma autenticidade de fazer o controle dele. Era muito divertido. Era agradável ter o Celso com a gente... a gente gostava muito. A gente sabia que se também não tivesse uma coisa em ordem, ele não iria deixar barato. Ele dizia o que estava

³ Constam em documentos oficiais que no ano de 2000, Celso Furlan era secretário de comunicações.

errado, o que tinha que se fazer, e não tinha essa de conversar em outro horário não: era na hora, para todo mundo ouvir, e ainda olhava para todos e dizia que servia para todos; era sempre uma coisa generalizada. Ele dava liberdade. Você podia fazer o que quisesse desde que estivesse dentro do planejamento. Mas ninguém te controlava: você pode fazer isso, você pode fazer aquilo... Se deu tudo tranqüilo, beleza... Se deu algum problema, arque com as conseqüências disso depois. Era bem esse o posicionamento dele.

F.: O que você acha que passava pela cabeça dele como problema?

E4.: As crianças ou a própria comunidade passassem a cobrar exageradamente certas coisas que a prefeitura ainda não estava oferecendo.

F.: Pode me dar um exemplo?

E4.: A saúde, por exemplo. Tem lá o SAMEB, ótimo, mas você não pode ter licença. Sabia disso? Se você chegar no SAMEB tem atendimento para todos os professores. Estou dando um exemplo prático para você entender onde eu quero chegar. Se você vai lá para ser atendido, você só pode perder o dia se antes você tiver passado pelo Hospital do Servidor. Eles já falaram: “nós não podemos dar esse dia aqui”.

F.: Espera aí... Você está lá, doente, com a boca torta, passando mal. Aí você vai até o SAMEB, o que é o SAMEB?

E4.: Serviço de Assistência Médica de Barueri. Também atende a região, pois teve um tempo que os postos de Carapicuíba não atendiam e eles atenderam. Tem tudo lá dentro, tudo que você pode imaginar: aparelhagem para raios-X... De tudo que você pode imaginar, lá tem.

F.: Então é um bom centro médico municipal. Esse centro médico municipal não podia dar, por exemplo, um atestado médico do dia e para você conseguir receber esse dia você tem que trazer um atestado do Hospital do Servidor Público Estadual.

E4.: É.

F.: Tem alguma coisa errada?

E4.: Não, é isso mesmo.

F.: Então eu sou a prefeitura e o meu médico não pode te liberar?

E4.: Não. Se você for no médico da prefeitura você não tem de jeito nenhum o dia, não tem licença. Se você estiver mal que não pode nem levantar, mesmo se estiver estampado na cara... Eu com febre, o médico mesmo falou isso para mim: “está aqui o atestado de comparecimento, que é o máximo que eu posso te dar, você deve retornar para a escola agora, tome esses medicamentos. Você deveria descansar uns dois ou três dias, mas infelizmente eu não posso te dar esse atestado de licença”. Eu ouvi isso. Não só eu como várias pessoas. Se você for sondar devagarzinho você vai ver quantas e quantas pessoas não passaram por isso.

Então só servia o atestado médico só se fosse lá do ‘coiso’. Só que você ia lá ao Hospital do Servidor em São Paulo, passava pelo médico, ele dava aquela licença. Então você tinha na segunda quarta e sexta, o horário era das 14 às 16 horas, você tinha que levar esse

atestado no SAMEB, porque tinha um médico específico da prefeitura que ia olhar o atestado lá e ele decidiria se realmente ele daria ou não essa licença.

F.: O que seria uma perícia. O Estado tem um sistema semelhante. Se você passa num médico particular você passa por uma perícia.

E4.: Isso por que você não sabe do professor que quebrou o braço. Ele passou no Hospital do Servidor, e está com o atestado, ali, de que ele não poderia dar aula, que ele deveria repousar e não fazer nenhum esforço. Ele foi e levou o atestado no SAMEB. O médico duvidou e disse que estava desconfiando que fosse frescura do professor. Ele disse: “será que isso aí está quebrado mesmo? Será que é tudo isso mesmo?”. O cara com gesso, com um atestado do Servidor... Isso minava muitas pessoas. Você não pode ficar doente.

(neste momento a entrevistada faz denúncias graves sobre questões relacionadas a verbas públicas que não estão diretamente ligadas à educação e que são de ordem criminal, o que não é pertinente à pesquisa).

E4.: Se eu estou num ambiente onde há muita podridão, eu não vou fazer parte disso. Eu me recuso a isso. Eu acho que Lipman me ajudou bastante dentro do contexto, porque o programa dele me serviu para dar uma diretriz. Ele dá uma direção de como trabalhar com a criança normalmente. Voltando mais ao tema. Eu continuo dando aula no (nome e local do colégio) no mesmo esquema: a leitura do livro, em cima disso eles pegam os pontos importantes que estão destacados ali.

(aqui são dados detalhes de como está trabalhando atualmente, o que não é pertinente ao objeto da pesquisa)

F.: Trocando em miúdos, sua experiência vai de 97 a 2002.

E4.: Isso.

F.: Sendo que de 2000 a 2002 você sentiu então um retrocesso por conta da criação do núcleo. Esse núcleo seria uma espécie de controle das atividades dos professores. Então você vê a formação desse material que você disse que acompanhou via colegas, particularmente por um que continua na rede, você vê a formulação desse apostilado como algo negativo.

E4.: Não é negativo, é inadequado. Pois você não percebe uma linha de interesse do próprio educando. Você vê uma linha de interesse proposta pelo grupo, e eu acho que aqui está o erro. Não precisava ser o Lipman, mas que pelo menos se tivesse sentido; se pelo menos se tiver o discernimento de pegar um texto genérico, que pudesse estar falando sobre vários temas importantes, inclusive aqueles até que eles gostariam de falar, e jogasse para o aluno... se desse temas diferenciados, história diferenciadas, não aquelas questões seguidas prontas, nada se dá pronto, quem cria é o aluno. Na Filosofia, tudo que se dá prontinho, você está conduzindo o pensamento, você não está deixando a pessoa pensar por si mesma. As perguntas existem não para você responder certinho, mas para você criar suas próprias questões (ruídos que não permitem entender o que se está dizendo)... É inadequado para uma proposta que se iniciou. E Filosofia nós fazemos, Filosofia não é educação moral.

F.: Para fechar. O que você traz é um contraste com a visão inicial do secretário ao mesmo tempo uma adequação dos professores a essa certa liberdade dada, mas vigiada, de alguma

maneira; era dada uma certa autonomia. A partir de 2000, essa autonomia foi diminuída. Seria isso?

E4.: Certo. Mas eu acho que não foi diminuída, foi controlada.

F.: Mas você disse que havia um controle anterior.

E4.: o controle se fazia da seguinte forma: faça o que você quiser, desde que não de errado.

F.: Até 2000, o controle se dava dessa forma que você disse. E de 2000 em diante, até 2002?

E4.: Vamos ver o que você está fazendo, se está realmente de acordo com os nossos interesses e se eu não concordar, eu digo o que você tem que fazer.

F.: Obrigado pelos seus depoimentos e reitero meu compromisso de a todo momento que você achar necessário você terá acesso ao que estou fazendo de sua fala para que eu não desvirtue o seu pensamento.